

A definição dos meios utilizados numa obra de arte não é uma questão de um mero interesse acadêmico: trata-se de um elemento essencial, tanto em sua concepção, como também, para a sua apreciação. No caso das raíais-Xilo nos Ares - percebe-se que de um lado, existe uma sensibilidade na idéia da criação (novo aproveitamento de uma linguagem brasileira de brinquedo), que se deixa reconhecer para compreender e valorizar, de um outro, a aplicação da xilogravura - arte democrática por excelência - em um suporte lúdico, permitindo uma atividade arte/jogo, no processo da aprendizagem da arte.

O "Homo Ludens" redescobre o jogo, a experimentação permanente de novidades e de possibilidades lúdicas como princípio estético que se estende à própria vida. A premissa subjacente é a de que estas atividades se exercitam pelo puro prazer da brincadeira na criação, satisfações em si mesmas. É o jogo como forma de conquista e de apropriação de uma atividade humana, seria como qualquer outra; pode liberar o homem, dando à dimensão estética um padrão para uma sociedade livre. Esta dimensão é reivindicada como um voo livre da imaginação, como toda sua carga de força libertadora e propulsora de um novo princípio de realidade. A relação arte/jogo, polariza, então, duas posturas críticas: uma, a que considera o jogo como um dos aspectos do fenômeno pelo qual a arte se expressa; outra, concebendo a arte como um dos momentos da atividade lúdica do homem.

Portanto, as xilogravuras ^{gráficas} constroem uma situação de criação coletiva, de tipo transitório, um acontecimento efêmero, no qual o ar, o vento de Brasília, o céu de junho, penetrados por estes objetos identificados, coloridos, transparentes, multiformes, proporcionam um modo novo de ver e de fazer arte. Esta é a proposta que estes jovens gravadores do Departamento de Desenho da Universidade de Brasília solta nos ares.

Grace Maria Machado de Freitas
 Brasília, junho de 1980.

(reunir?) de prof. G M M F (1ª a primeira "Xilo nos Ares")